

Cecília e Ronald: conversas transversas com Pessoa¹

Cecília e Ronald: a dialog with Pessoa

MARIA LÚCIA DAL FARRA

UFS/CNPq – São Cristóvão – Sergipe – Brasil



Resumo: A obra de Cecília Meireles, de um lado, e a de Ronald de Carvalho, de outro, parecem ter entrado em locução com a obra de Pessoa, assimilada de maneira diversa por cada um deles. Cecília, organizadora da primeira antologia brasileira onde Pessoa é privilegiado, foi acusada por Agripino Grieco de ter seguido “simiescamente” o Poeta português. Ronald não sofreu tal pecha e parece, ao contrário, ter quase ignorado Pessoa, ou (por uma razão insuspeitável) ter evitado divulgá-lo no Brasil. Este artigo procura investigar pistas e especular algumas suspeitas respeito.”

Palavras-chave: Poesia brasileira e portuguesa; Interferências literárias; Modernismo.

Abstract: The work of Cecilia Meireles on one hand, and Ronald de Carvalho on the other, seem to have entered in a dialog with Pessoa, though assimilated differently by each one of them. Cecilia, organizer of the first Brazilian anthology where Pessoa is privileged, was accused by Agripino Grieco of literally mimicking the Portuguese poet. Ronald suffered no such taint and seems, instead, to have almost ignored Pessoa’s work, or (for an unsuspected reason) decided to avoid releasing it in Brazil. This article intended to investigate some clues and speculate about some possible reasons about this.

Keywords: Brazilian and Portuguese poetry; Literary interference; Modernism.

Cecília Meireles, sem dúvida a mais talentosa poetisa brasileira de todos os tempos, esteve, no final do ano de 1934, em Lisboa e em Coimbra. Vinha para proferir, em ambas universidades, conferências sobre a literatura brasileira, a convite do Secretariado de Propaganda Nacional. António Ferro, o editor do *Orpheu 2* (de julho de 1915), a convidara. Ferro, também membro do júri do prêmio “Antero de Quental” que, aliás, irá atribuir a honra ao inglês Romaria de Vasco Reis (desbancando para a “segunda categoria” o *Mensagem* de Pessoa) – desempenhava desde 1933 as funções de diretor dessa mesma entidade, depois de ter sido Secretário da Instrução Pública logo aquando do Estado Novo.

Só para tecer marginalmente um mapa das relações literárias mais insuspeitáveis da época, lembro que se trata do mesmo Ferro, marido da poetisa Fernanda de

Castro (ex-musa do Américo Durão, amiga de Cecília, e a quem Florbela tentara falar antes de falecer), pai de António Quadros (emérito estudioso de Pessoa). Ferro, ao lado de Alfredo Pedro Guisado, também do *Orpheu*, fora contemporâneo de direito de Florbela Espanca. Aliás, são ambos os mesmos que se retiram da revista de Pessoa, depois da tal carta malcriada que Álvaro de Campos enviara para *A Capital*. Em 24 de fevereiro de 1931, no *Diário de Notícias* (que dirigia então), Ferro consagrara um editorial à desconhecida e recém-desaparecida Florbela. Ali, invectivava aos leitores a que aderissem à campanha de elevação do busto da poetisa no Jardim Público de Évora, proposta que já em seguida, depois de alçar-se ao dito posto, ele mesmo se incumbiria de desarmar. Inaugurava-se, assim, uma viva polémica em torno da vida e da obra de Florbela, que se estenderia por mais de trinta anos, e para a qual contribuiriam em muito as interferências públicas de Régio, Sena e Nemésio. (O desvio que faço é só uma maneira de apresentar a paisagem inteira e, como estudiosa da Florbela, gosto de saber que

¹ Este texto foi apresentado, com algumas modificações, no 1º. *Colóquio Fernando Pessoa* da Casa Fernando Pessoa, em Lisboa, em novembro de 2008.

ela, através de Ferro, participa de um vínculo com Pessoa, o que deita alguma difusa luz àqueles versos localizados por Teresa Sobral Cunha no espólio do nosso Poeta, e que designam a Escritora como a “alma sonhadora”, “Irmã gêmea da minha!”).

Cecília, por seu turno, é leitora de Pessoa há tempos, pelo menos desde o início do seu relacionamento com o artista plástico português Fernando Correia Dias, que tornar-se-ia seu marido em 1921, já que este, como ilustrador e capista de *A Águia*, conhece pessoalmente Pessoa desde 1913². E, de fato, em 1929, quando vem a lume a tese de Cecília, *O espírito vitorioso*, encontramos ali excertos da “Ode triunfal”. Portanto, agora, estando em Lisboa com o marido, a Poetisa aproveita para marcar um encontro com o Poeta.

Ocorre que Cecília vai passar duas incômodas horas na Brasileira do Chiado aguardando por ele, de balde e em vão. Só quando de volta a seu hotel, ela conhecerá, entretanto, a justificativa para tal desfeita... Pessoa lhe deixara uma mensagem na portaria que invocava razões de ordem transcendental: culpa do horóscopo! Porque, consultado pela manhã, o mapa astral de Pessoa o desaconselhara a conhecer nesse dia a Poetisa brasileira; em troca, ele lhe oferecia o seu livro recém-impresso. Tratava-se, claro está, de *Mensagem*, e a data do autógrafo prova que o volume é um dos primeiros a terem sido distribuídos pelo poeta. É de 10 de dezembro de 1934, o mesmo registro que consta dos exemplares que Pessoa ofereceu à Ofélia e a Carlos Queiroz (CUNHA; SOUSA, 1985, p. 35-36).

Tal fato me autoriza a crer que Cecília Meireles tenha sido, no Brasil, o primeiro leitor dessa peculiaríssima obra – aproximada, por alguns críticos, ao seu *Romanceiro da Inconfidência*, que ela publicará em 1953 pela Editora Livros de Portugal, cuja coleção de autores portugueses Jaime Cortesão (depois, sogro do nosso poeta Murilo Mendes) organizava e dirigia então no Rio de Janeiro. O mesmo teor histórico-mítico anima ambos os livros num projeto literário de dimensão nacional, melhor dizendo, de delineação de uma nacionalidade supratemporal, muito embora a índole narrativa de um contraste com a peculiaríssima forma épica do outro, diferença plausível entre o tom próprio ao levante de uma insurreição arrasada pelo colonizador, e aquele de uma ex-potência que escava na memória a sua redenção. Enquanto Pessoa revisita seus clássicos Camões e Vieira, com a vista voltada para o Quinto Império, numa linguagem que os reatualiza, Cecília passeia liricamente a pé, nos campos de Minas, com Marília e Dirceu, e chora conosco a inexorável derrota dos justos, chora os nossos arcades martirizados, numa escrita libertária que ela descobre nos inconfidentes, graças à “estranha potência” das palavras:

Ai, palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois de vento, ides no vento,
no vento que não retorna,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma.

Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!

[...]

Ai palavras, ai, palavras,
que estranha potência a vossa!
Éreis um sopro na aragem...

– sois um homem que se enforca! (p. 879-881)³

Não só no *Romanceiro* pode-se supor a presença de Pessoa em Cecília – nem que seja por contraste. Se Pessoa defende um modelo de Império encabeçado por Portugal, Cecília defende a luta frustrada contra um dos braços desse mesmo Império⁴. Mas os sulcos de uma interlocução com Pessoa também transparecem naquilo que a poesia dela ostenta à maneira de uma dissociação de personalidade que, sendo pessoana, também pode ser percebida em Florbela – para referir, de novo, uma contemporânea de ambos.

São da lavra de Cecília versos que indagam acerca da face perdida em que espelho, e que se multiplicam em tópicas de desmembramento, de transfiguração, de desdobração de rostos, que desembocam na emblemática condição feminina. Todavia, em Cecília, as muitas pessoas (que encenam essa convivência com a multiplicidade, numa assembleia de inúmeras outras em si) também visitam seres inanimados, habitando-os, a ponto de sua poesia enveredar, por tal via, num misticismo que beira à metempsicose e ao orfismo, muito teluricamente, aliás. De um lado, como ocorre no seu “Autorretrato”, por exemplo, ao contemplar-se, Cecília vê-se tantas, que não sabe mais quem é. Mas é nessa fragmentação que reside o seu “perfeito acabamento”, visto que

Múltipla, venço
este momento
do mundo eterno
que em mim carrego:
e, una, contemplo
o jogo inquieto
em que padeço (p. 458)

² Confira-se em PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, 1966, p. 56-57. O poeta escreve que “Vindo pela Brasileira, fui apresentado pelo Lúcio de Araújo, que ali estava, ao Albino de Meneses e ao Correia Dias, que estavam na exposição do Almada (2 de abril de 1913)”.

³ As referências às páginas dos poemas citados são retiradas da obra em dois volumes de *Poesia Completa de Cecília Meireles*, organizada por Miguel Sanches Neto, e publicada em 2001 pela Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

⁴ Endereço o leitor à tese de doutorado de Ana Maria D. de Oliveira, *De caravelas, mares e forcas: um estudo de Mensagem e Romanceiro da Inconfidência*, apresentada à USP (São Paulo) em 1994.

Por outro lado, o poema “Compromisso”, representante da outra ala de perquirições, parece aliar uma simultânea compreensão pessoal que abarca tanto o ortônimo místico quanto o paganismo de Alberto Caieiro:

Esta sou eu – a inúmera.
Que tem de ser pagã como as árvores
e, como um druida, mística.
Com a vocação do mar, e com seus símbolos.
Com o entendimento tácito,
instintivo,
das raízes, das nuvens,
dos bichos e dos arroios caminheiros (p. 462)

O estar entre, a experiência do intervalo e do descompasso também avultam como marca própria na poesia de Cecília. “Inscrição” nos assegura que a Poetisa se encontra entre flor e nuvem, entre estrela e mar, já que ela não se contém em ser unicamente humana. E assim prossegue:

Não encontro caminhos
fáceis de andar.
Meu rosto vário desorienta as firmes pedras
que não sabem de água e de ar.

E por isso levito.
É bom deixar
um pouco de ternura e encanto indiferente
de herança, em cada lugar.

Rastro de flor e estrela,
nuvem e mar.
Meu destino é mais longe e meu passo mais rápido:
a sombra é que vai devagar. (p. 543-544)

É provável que poemas de tal natureza tenham convencido o crítico brasileiro Agripino Grieco a asseverar, numa de suas “ruindades” (como a própria Cecília ressentida comenta em uma das 246 cartas a Armando Cortes-Rodrigues), que ela passara a imitar “simiescamente” a Fernando Pessoa (MEIRELES; CORTES-RODRIGUES, 1998)⁵. Entretanto, acerca da contiguidade entre a sua poesia e a de Pessoa, ela não se escusa de cogitar que talvez a origem comum, a ascendência familiar de açorianos, a insularidade e o mergulho precoce na língua inglesa possam esclarecer melhor essa intimidade. E também assevera que tanto ele quanto ela se aproximaram de “investigações místicas e mágicas do mundo. Ele chegou mesmo a ser astrólogo de renome, segundo ouvi dizer. Eu, apenas fiquei pasmada diante das feitiçarias do mundo.”⁶

O interesse de Cecília pela poesia de Pessoa pode também ser evidenciado na organização de uma importante e reveladora antologia, publicada por ela em 1944 dentro da coleção que Cortesão dirigia na referida casa editorial

carioca, onde, em meio a amostras da obra de 36 poetas, Pessoa pontifica com a maioria dos textos. Trata-se da antologia *Poetas novos de Portugal*, aquela que, segundo Antonio Candido, vem compensar um hiato, um nosso “valo de ignorância” acerca da literatura do modernismo português⁷ – a mesma a que o jovem Eduardo Lourenço teria tido acesso, “tomando conhecimento da obra não apenas de Pessoa, mas também de Sá Carneiro, Miguel Torga ou José Régio”, como nos assegura Leila Gouvêa⁸.

Mário de Andrade, sempre muito atento às trocas culturais, já especulava em 1939, num artigo intitulado “Uma suave rudeza”, a razão desse vazio. De um lado há o que ele chama o “drama” dos escritores brasileiros, que se encontram nessa altura na “puberdade” e no “delírio”. Portanto, se a nossa literatura não faz mal nenhum aos portugueses, “a deles pode nos ser, no caminho da nossa puberdade, um perigoso descaminho”, visto que eles “são pra nós todo um passado, um passado próximo e por isso mesmo perigosíssimo, um eterno e sedutor convite a ‘acertar em Portugal e errar no Brasil’ como no epigrama.” Por outro lado, a nossa literatura atual não passa de um acinte à ex-metrópole, visto que ela “se afasta violentamente do dizer português”, para o qual somos “sempre uns iconoclastas”. Daí que a questão toda seja de educação, de “delicadeza”: como podem os brasileiros enviar seus livros a seus confrades portugueses “se sabem que estão a lhes maltratar voluntariamente o patrimônio linguístico?”, pergunta Mário.

Mas a razão secreta que talvez explicasse esse valo de desconhecimento a que se refere Antonio Candido, talvez se encontre numa consideração que passa quase despercebida no texto de Mário – e que é de caráter político. Porque, depois de presumir que Fernando Pessoa e Machado de Assis representam, cada qual para o seu grupo nacional, uma concretização de ideais múltiplos que escapam àqueles que não pertencem à mesma nacionalidade, Mário avança que os novos poetas portugueses, esquecidos da lição de Aquilino Ribeiro quanto à terra, tratam hoje de acentuar “o valor excêntrico do mar”. E pergunta, então – parecendo localizar aqui o tal “abismo” de posição social entre artistas brasileiros e portugueses – se “não estará na psicologia, até política, deste Portugal novecentista”, a aspiração de ser mais

⁵ Trata-se da carta de 18 de março de 1947.

⁶ Carta ao ator Ruy Affonso, 17 de setembro de 1946.

⁷ Antonio Candido, no *VI Congresso Internacional da AIL* (realizado no Rio de Janeiro em agosto de 1999), dá conta da receptividade dos meios brasileiros aos portugueses escritores e intelectuais e artistas, desde o princípio do século XX. O texto foi publicado no segundo volume dos anais, pela *Revista Veredas*, Porto: Fundação Engenheiro Antônio de Almeida, n. 3, p. 483-491, com o título “Livros e pessoas de Portugal”.

⁸ A informação é prestada por Leila V.B. Gouvêa, em *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001, à p. 71. Tais dados lhe foram passados em conversa com o crítico em São Paulo, em 2 de maio de 2000.

“lusu” que “português”, ou seja, a aspiração de “se dar um destino racial expansionista, escolhido dentro da lição histórica...” (CANDIDO, 1972, p. 65-70).⁹

Não sei se exorbito, mas parece-me ouvir em surdina, por baixo destas palavras, uma leitura empenhada do *Mensagem* de Pessoa, provavelmente aquela que transitava nos meios intelectuais brasileiros de então. E se levarmos às últimas consequências tal hipótese, é possível até que o *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília possa se situar, precisamente, como uma resposta literária brasileira a tal aspiração “lusitana”...

Mas o fato é que, a partir dessa antologia elaborada por Cecília em 1944¹⁰, a situação há de mudar substancialmente, sobretudo após a chegada dos primeiros livros de Pessoa ao Brasil, criando “uma voga” que, segundo nos testemunha Antonio Candido, foi “uma das maiores que já houve” no nosso país, tendo marcado “de maneira profunda a produção poética e a sensibilidade dos leitores.” Pra já, a crer em Edson Nery da Fonseca – Cecília, Murilo Mendes e Lúcio Cardoso seriam os três escritores brasileiros mais apaixonados por Pessoa (1985:46).

Dado curioso é que o nosso Poeta tinha tudo para – muitos anos antes da antologia de Cecília – ter-se tornado conhecido no Brasil e ter sido divulgado entre os leitores nativos. Porque era de se esperar que Ronald de Carvalho, pela sua posição estratégica de direção brasileira do primeiro número da revista de Pessoa, tivesse se incumbido desta tarefa – coisa que não aconteceu.

Ronald convivera no Rio com Luís de Montalvor (na ocasião em que este lá morava mercê dos seus encargos na Embaixada Portuguesa no Brasil), e acabou aderindo à fundação do *Orpheu*, em cujo primeiro número

publica sete poemas.¹¹ Depois desta bravata, Ronald fora personagem marcante nos alardes da *Semana de Arte Moderna de 22*, quando, por fim, o nosso Modernismo se dava a conhecer. Participe de ambos os movimentos literários nacionais (para elucidação desta matéria são fundamentais os três volumes da obra de Arnaldo Saraiva, *Modernismo Português e Modernismo Brasileiro*)¹², Ronald leu (empolgadamente, na primeira sessão da *Semana* no Teatro Municipal de São Paulo, sob apupos e vaias e assobios) o célebre poema de Manuel Bandeira, “Os sapos”, sátira do parnasianismo ainda vigente – inclusive do dele, Ronald.

Pelos vistos, a antiga chama irreverente que trouxera do *Orpheu* de 1915, ainda permanecia viçosa nesse poeta e prosador tão diletante e cosmopolita, com livro lançado em Paris, viajante da América Latina, e que iria falecer no mesmo ano que Pessoa, num acidente de carro no Rio de Janeiro. Veja-se uma peça do seu livro de 1919, *Poemas e Sonetos*, para que se leia nela uma das maneiras de interlocução com os versos ou com a práxis poética de Ricardo Reis (por exemplo):

Não desejes, é amargo desejares.
Guarda o que tens, fechado em tua mão,
Pois só há desenganos e pesares
Na sombra triste deste mundo vão...

A alma que arrastas, andes onde andares,
Terá mais sol, terá mais ilusão,
Se fores sempre assim, se não tentares
Acrescentar um pouco ao teu quinhão.

Vive no teu jardim de frondes mansas,
Sem ambições nem cóleras pueris:
Quem tem desejos, tem desesperanças,
Quem não deseja é muito mais feliz...

E já aqui revelo uma constante cisma que tenho nutrido acerca de Ronald. Sempre me pareceu estranho que ele, tendo um pé no modernismo português e outro no brasileiro, tendo sido leitor de Pessoa e certamente admirador, a ponto de produzir, dentre outros, o poema que acabo de transcrever – nunca tivesse esboçado nenhum empenho, que se saiba, para divulgar Fernando Pessoa no Brasil – pelo menos não antes da antologia de Cecília. Volume que declancha aquela verdadeira onda de que nos fala Antonio Candido, e que rendeu, em 1951, até mesmo o “Sonetinho do falso Fernando Pessoa”, de Drummond. Ronald foi um escritor que gozou de muita notoriedade no seu tempo e gozou de muita glória; exemplo vivo da inconstância da Fama, pois que hoje em dia se encontra jogado às traças. Quero frisar com isso, que ele tinha, no tempo, todo poder nas mãos para promover a leitura da obra de Pessoa entre nós, e isso logo a partir de 1915, ou seja, desde a sua participação no *Orpheu*. De maneira

⁹ O grifo é meu.

¹⁰ Cecília publica, do ortônimo: “Onde pus a esperança, as rosas”, “Canção” (“Silfos ou gnomos tocam?”), “O menino da sua mãe”, “Sol nulo dos dias vão”, “Dizem?” (“Dizem? Esquecem.”), “Natal... Na província neva”, “O último sortilégio”, “Foi um momento”, “Eros e Psiquê”, “O dos Castelos”, “Dom Sebastião (“Louco, sim”)), “Canção” (“Põe-me as mãos nos ombros”), “Poema” (“O céu, azul de luz quieta”). De Ricardo Reis: “Ode” (“Para ser grande, sê inteiro”); de Caetano: “O oitavo poema de O guardador de rebanhos”; de Campos: “Ah, um soneto”, “Apostila”, “Tenho uma grande constipação”, “Dactilografia”, “Adiamento”, “O sono que desce sobre mim”.

¹¹ Apenas para que o leitor se dê conta do relacionamento entre Pessoa e Ronald, transcrevo a leitura que o Poeta português enviou do volume de versos *Luz Gloriosa* ao Poeta brasileiro em 29 de fevereiro de 1915, depois de haver recebido o exemplar a ele dedicado: “Para as mãos de Fernando Pessoa, fraternalmente Ronaldo de Carvalho. Rio MCMXIV”. Eis a apreciação de Pessoa: “O seu Livro é dos mais belos que recentemente tenho lido. Digo-lhe isto para que, não me conhecendo, me não julgue posto a severidade sem atenção às belezas do seu Livro. Há em si o com que os grandes poetas se fazem. De vez em quando a mão do escultor faz falar as curvas irreais da sua Matéria. E então é o seu poema sobre o *Cais* e a sua impressão do *Outono*, e este e aquele verso, caído dos deuses como o que é azul no céu nos intervalos da tormenta. Exija de si o que sabe que não pode fazer. Não é outro o caminho da Beleza.” (PESSOA, 1999, p. 150).

¹² A obra foi publicada no Porto em 1986.

que o silêncio que consagrou ao colega de revista pode ser responsável por uma grande fração desse hiato de ignorância de que nos fala Antonio Candido.

Depois de quebrar a cabeça a respeito, estou tentada a crer, hoje em dia, que essa inexpressiva publicidade que consagrou ao Poeta português no Brasil tenha raízes, na melhor das hipóteses, numa marcada compreensão (digamos, prematura) da obra de Pessoa. Quero dizer: suponho que só o fato de ter absorvido intimamente Pessoa justifique a sua inoperância. E isso porque me recuso a supor a existência de alguma plausível dor de cotovelo... da sua parte diante da grandiosidade do colega. Senão, vejamos.

Na sua *Pequena história da literatura brasileira*, publicada em 1919, obra que intermedia, portanto, a sua participação no *Orpheu* e na *Semana de 22*, não se lê em nenhum momento o nome do Poeta português, nem mesmo como ilustração de algum traço formal dos brasileiros ou como exemplo de algo. O que é mui compreensível, aliás, uma vez que Ronald está apenas debruçado sobre a literatura brasileira (como se uma literatura da mesma língua não interferisse necessariamente sobre a outra). Embora ainda forjada sob critérios acadêmico-nacionalistas, essa história literária se encerra com um capítulo intitulado “O cepticismo literário. Reação nacionalista”. Ali, Ronald procura dar conta da contemporaneidade no seu país, buscando indicar alternativas para a plena realização literária brasileira moderna. E, para tal, ele afirma (pessoalmente!) que “toda a criação estética de hoje está sujeita a uma grande lei de lirismo cerebral”. E, depois, encerra o livro clamando (três anos antes da nossa *Semana de Arte Moderna*) contra... a influência europeia: O erro primordial das nossas elites, até agora, foi aplicar ao Brasil, artificialmente, a lição europeia. Estamos no momento da lição americana. Chegamos, afinal, ao nosso momento (1985, p. 370).

Repare-se que a sua proposta é a de olhar para um mundo que, segundo crê, concerne ao Brasil: a América – perspectiva uníssona entre os nossos modernistas brasileiros. Todavia, esta lição, que parece não privilegiar Pessoa, constitui, a meu ver, o grande aprendizado que Ronald foi colhendo da convivência com a obra do nosso Poeta, e que, afinal, consistirá na síntese a ser exposta num livro que Ronald viria a conhecer depois. Porque é em *Mensagem* que se lê, no poema inicial (escrito ainda em 1928), que Portugal é o rosto com que a Europa

Fita, com olhar esfingico e fatal,

O Ocidente, futuro do passado. (PESSOA, 2001, p. 71)¹³

“Os Castelos”, título deste poema-abertura de *Mensagem*, podem (supostamente) ter levado Mário de Andrade a cogitar, ao final da década de trinta, a hipótese

de aceno de um expansionismo luso, que ele, aliás, deplora nos modernistas portugueses. Ronald, entretanto, pode ter lido no mesmo poema aquilo que já sabia em Pessoa, ou seja: o relevo do nosso Terceiro Mundo enquanto objeto das ancestrais profecias sobre o Quinto Império. O que antes nos enaltece em vez de nos rebaixar, já que representamos o Novo Mundo, o utópico futuro... da Europa!

Parece-me (ou me forço para que me pareça) que ter pressentido em Pessoa a mensagem de atenção para com o Ocidente – acabou por impedir, da parte de Ronald, a divulgação do próprio Pessoa no Brasil. Ronald teria de identificar como saída para a literatura brasileira nomes da América (ele, que viajou tanto pela Latinoamérica!), e não, ao contrário, depositar o nosso futuro nas letras de um... português! Se o fizesse, teria sido levado a expor-se publicamente em contradição: aquela de, na contramão do que conclamara, valer-se (para alcançar a lição americana) da antiquada (e agora recusada) lição... europeia. Ora! A que o próprio Pessoa lhe passava!

Referências

- CANDIDO, Antonio. Livros e pessoas de Portugal. In: *Revista Veredas*, Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, n. 3, p. 483-491.
- CANDIDO, Antonio. *O empalhador de passarinho*. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972.
- CANDIDO, Antonio. Três poetas brasileiros apaixonados por Fernando Pessoa. In: *Colóquio/Letras* n. 88. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nov. de 1985.
- CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 11.ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores, 1958.
- CUNHA, Teresa Sobral; SOUSA, João Rui de. (Org.). *Fernando Pessoa, o último ano*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1985.
- GOUVÊA, Leila V. B. *Cecília em Portugal*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Poesia Completa de Cecília Meireles*. (Org. de Miguel Sanches Neto). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- MEIRELES, Cecília; CORTES-RODRIGUES, Aramando. A lição do poema. Cartas de Cecília Meireles a Armando Cortes-Rodrigues. (Org. e notas de Celestino Sacht). Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1998.
- OLIVEIRA, Ana Maria D. *De caravelas, mares e forcas: um estudo de Mensagem e Romanceiro da Inconfidência*. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- PESSOA, Fernando. *Páginas íntimas e de auto-interpretação*. Lisboa: Ática, 1966.
- PESSOA, Fernando. *Correspondência (1905-1922)*, Lisboa: Assírio & Alvim, 1999.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. (Org. intr. e not. de Maria Aliete Galhoz). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

Recebido: 19 de março de 2013
Aprovado: 23 de abril de 2013
Contato: mldalfarra@gmail.com

¹³ O grifo é meu.